



Edinéia Antônia Zachi

**A INTERLOCUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL COM A CLÍNICA
PSICOTERÁPICA DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA**

Santa Cruz do Sul

2017

Edinéia Antônia Zachi

**A INTERLOCUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL COM A CLÍNICA
PSICOTERÁPICA DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Betina Hillesheim

Santa Cruz do Sul

2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria, inicialmente, de agradecer minha orientadora Betina Hillesheim, pela atenção e paciência durante a elaboração de minha monografia. Sou sua admiradora e com certeza levarei muitos aprendizados que adquiri não apenas realizando minha pesquisa com seu apoio, mas tudo o que pude aprender ao seu lado durante todo o curso.

Agradeço aos professores e colegas que de certa forma cruzaram meu caminho ao longo do curso, principalmente, aqueles que se fizeram presentes no período que tive de dificuldade, me apoiando e dando forças para que concluísse minha formação acadêmica, em especial para Grazieli Bartz e Janaina Schultz.

A minha família Zachí que me apoiou e proporcionou com que eu pudesse concluir a minha graduação, assim como meus sogros Fátima e Lauri Wolschick, e ao meu querido e fiel companheiro, Albert Wolschick, pela compreensão, pelo amor e pelo incentivo.

Por fim, e especial agradecimento, aos meus pais, Valdir José Zachí e Nair Silveira de Lima, que embora não puderam mais estar fisicamente ao meu lado depois de determinado momento da graduação até aqui, puderam ver o caminho que comecei a trilhar. Hoje, chego com um misto de tristeza e felicidade ao final do curso. Tristeza por não poder abraça-los, mas ao mesmo tempo sorrio por ter chegado até aqui graças a educação que tive de vocês, pelos cuidados, pelo carinho e pelo incentivo que não deixou eu desistir, e que me tornou mais forte mesmo nos momentos de cansaço. E ainda ao meu querido e bom pai por todos os sacrifícios que fez para que eu chegasse onde cheguei. Com certeza ainda terei muito o que conquistar, e o seu nome será o primeiro que irei relembrar ao ter que agradecer. De certa forma sei que vocês, meus pais, estarão vislumbrando este meu momento e a emoção com que escrevo estas singelas palavras pensando em vocês.

Meu mais sincero, muito obrigado!

“O que nós psicanalistas fazemos, com conhecimento, porque já estudamos, deveria ser feito pelos pais: acompanhar os filhos, sentar para ler e narrar histórias. Simples assim. As descobertas serão surpreendentes.” (DIATKINE, 1993).

RESUMO

A clínica psicoterápica infantil conta com diversos instrumentos para auxiliar o psicoterapeuta ao longo dos atendimentos com crianças. Entre eles estão os jogos, brincadeiras e a literatura infantil, sendo que cada um possui a sua peculiaridade frente aos olhos do psicoterapeuta, afinal, a brincadeira é vista pela psicanálise como semelhante a associação livre, pois a criança muitas vezes não saberá se expressar por meio das palavras, mas através do lúdico, ela falará tanto quanto um adulto. Tratando-se da literatura infantil, inicialmente, era visto com um simples material usado como uma distração ou acalanto ao sono das crianças, porém, vislumbrou-se que a literatura infantil poderia ter um efeito muito maior, inclusive terapêutico, pois a criança na história ou conto poderia projetar seus sentimentos e sua própria história de vida. Assim, por meio do conteúdo projetado pela criança, o psicoterapeuta poderia interpretar e, posteriormente, trabalhar com a criança o material que surgisse afim de auxiliá-la em suas questões pessoais. Neste sentido, a presente pesquisa surgiu com o objetivo de investigar como a literatura infantil se insere na clínica psicoterápica, aqui, de orientação psicanalítica, buscando através de entrevistas discutir a compreensão que psicoterapeutas têm do uso da literatura infantil no trabalho com crianças, assim como se este material é utilizado no processo clínico e que benefícios seu uso pode trazer ao tratamento de crianças. Para chegar ao entendimento de tais questões, realizou-se uma pesquisa qualitativa que contou com entrevistas semi-estruturadas. Nesse sentido, falamos da pesquisa de fundo psicanalítico, a qual consiste em um método de investigação sobre processos de produção de sentidos, ou seja, a produção de entendimento sobre determinado tema. Com isso, concluiu-se que embora pouco se tenha a utilização da literatura infantil no processo clínico, quando este material se insere, isso ocorre por meio da criança, permitindo com que seja possível trabalhar questões da própria história da criança, através de contos e outras histórias. Isso trará resultados positivos a psicoterapia.

Palavras-chave: Literatura infantil. Psicoterapia. Psicanálise. Crianças.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A CRIANÇA, A LITERATURA INFANTIL E O DIVÃ	9
2.1 A técnica psicanalítica com crianças.....	9
2.2 A literatura infantil	11
2.3 A literatura infantil no espaço psicoterapêutico.....	12
3 A PESQUISA EM PSICANÁLISE	16
3.1 Produção e análise de dados	17
4 A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO.....	19
4.1 O lugar da literatura infantil no espaço psicoterápico de orientação psicanalítica	19
4.2 O modo de inserção da literatura infantil no processo psicoterapêutico de orientação psicanalítica.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da literatura infantil perde-se no tempo. Sendo uma narrativa, ela faz parte do universo de crianças e até mesmo de adultos. Contempla-se ali uma vida imaginária repleta de encantamento com personagens os quais enfrentam grandes desafios. Existem heróis, princesas, bruxas, ogros, entre outros que personificam o bem e o mal. Antes vista como uma distração ou acalanto ao sono das crianças, torna-se agora alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a psicologia e, em especial, a psicanálise. A literatura infantil possui a potencialidade de subjetivar as crianças e por isso exerce uma função terapêutica, podendo ser utilizada então como dispositivo de intervenção na clínica psicoterápica (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Tratando-se da clínica psicoterapêutica é importante observar que esta é uma área que trabalha com a saúde mental, tendo como especialidade a psicologia. Dentro da vasta área que um psicólogo pode trabalhar, na psicoterapia ele escolhe a área da psicologia clínica. No trabalho psicoterápico em geral, pode-se dizer que o principal objetivo do psicólogo é o bem-estar de seu paciente, buscando a promoção e manutenção da saúde, como a prevenção da doença. O psicoterapeuta terá como propósito investigar "aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos, em um processo que visa fazer recomendações, encaminhamentos ou propor algum tipo de intervenção." (SILVA; SILVA, 2015, p.127). Vale lembrar que a psicoterapia é dividida de acordo com as áreas de atuação do profissional, neste sentido, a psicanálise é um ramo clínico teórico, em que servirá de apoio teórico para o trabalho prático. Porém, tornar-se um psicanalista exigirá muito mais do que isso. O profissional da saúde mental que desejar ser um analista deverá se especializar na linha psicanalítica. Dado a explicação, aqui iremos referenciar a clínica psicoterápica de orientação psicanalítica, trazendo especificamente a inserção da literatura infantil no processo clínico.

Na psicoterapia infantil existem instrumentos facilitadores, como por exemplo, objetos lúdicos, tendo cada um à sua especificidade (ISSE, 2013), entre eles, as histórias infantis. Porém, restava entender como a literatura infantil de fato poderia ser utilizada na clínica de orientação psicanalítica. Com isso, a presente pesquisa buscou compreender como se dá a inserção da literatura infantil no processo clínico. A proposta foi de investigar como o material poderia ser utilizado nas sessões com crianças e quais resultados tal material poderia trazer ao desenrolar da psicoterapia.

A pesquisa surgiu da curiosidade de entender como é possível vincular literatura infantil e psicanálise, e como se dá através disso as intervenções terapêuticas. Penso que além de

entender melhor tal relação, estagiários e novos psicoterapeutas, os quais também se identificam com a clínica infantil, poderão utilizar o resultado da presente pesquisa, para da mesma forma, poder melhor compreender o assunto. Ou ainda, sabendo que livros infantis podem ter um baixo custo financeiro, investigar como tal material pode auxiliar o desenvolvimento da criança, aqui, destacando a clínica de orientação psicanalítica.

Na clínica psicoterápica infantil o psicoterapeuta deve-se mostrar interessante para as crianças em atendimento, buscando sempre ter disponível objetos lúdicos e brincadeiras. Após conquistar a confiança dos pacientes por meio da formação do vínculo terapêutico, o objetivo é mostrar-se útil em relação as questões envolvendo as crianças (FREUD, 1971)¹. Para isso, é de suma importância proporcionar um ambiente dinâmico para realizar os atendimentos, levando-se em consideração de que crianças retratam sua vida, além de seus sintomas e suas questões inconscientes, através da representação em brincadeiras. Porém, tal tarefa pode não ser tão fácil ao psicoterapeuta, como por exemplo, introduzir livros de literatura infantil nos atendimentos. Para criança poderá ser uma atividade corriqueira, mas para o terapeuta terá significados, os quais dirão muito sobre seu paciente, afinal, a brincadeira é vista pela psicanálise como semelhante à associação livre. Através do lúdico a criança manifestará suas questões pessoais e relacionais. A partir disso, a presente pesquisa coloca como questão central: como a literatura infantil se insere na clínica psicoterápica de orientação psicanalítica?

Tal problema de pesquisa se desdobra nas seguintes questões norteadoras:

- Como os psicoterapeutas compreendem o uso da literatura infantil no trabalho com crianças?
- Como os psicoterapeutas utilizam a literatura infantil no processo clínico com crianças?
- De que forma os psicoterapeutas percebem os benefícios do uso da literatura infantil no tratamento de crianças?

¹ Anna Freud em *O tratamento psicanalítico de crianças*.

2 A CRIANÇA, A LITERATURA INFANTIL E O DIVÃ

Ao falar de psicanálise é imprescindível falar de divã. Como refere-se Sigmund Freud (1913 apud GARCIA; MARTINS, 2002) o divã faz parte do fazer clínico em psicanálise. Na sessão a passagem para o divã introduz uma regra fundamental, a da associação livre, em que o paciente vai dizer tudo o que vem à mente. Neste sentido é de fundamental importância oferecer ao sujeito em atendimento um ambiente terapêutico agradável e aconchegante. A partir deste conjunto algo importante deverá ser considerado: o inconsciente (GARCIA; MARTINS, 2002). Porém, tal regra não se replicará de tal modo com uma criança. Será por meio de brinquedos e brincadeiras que será proporcionado um ambiente agradável a criança. Já o divã, aquele que insere a regra fundamental da associação livre, se dará por objetos lúdicos. Em exemplo entra a literatura infantil, a qual proporcionará a criança transferir para aquela história fictícia a sua história pessoal, dando ao psicoterapeuta o acesso ao inconsciente infantil. Por meio deste material a criança falará da mesma forma que um adulto na associação livre. Com isso, neste capítulo o objetivo será de construir um diálogo sobre a técnica psicanalítica com crianças e a literatura infantil, assim, proporcionando uma introdução compreensiva do tema principal da pesquisa: a inserção da literatura infantil no processo clínico.

2.1 A técnica psicanalítica com crianças

A psicoterapia infantil teve sua origem com a teoria de Sigmund Freud. Desta teoria, duas psicanalistas, Anna Freud e Melanie Klein, fizeram uso e certas modificações. Por exemplo, Melanie Klein introduziu o jogo na psicoterapia infantil e através do uso que cada criança fazia deste material, era possível realizar interpretações. Viu-se no jogo, assim como nas brincadeiras e atividades diversas realizadas com o público infantil, meios que possibilitavam a criança de se expressar (ISSE, 2013). Durante a sessão, o brincar da criança denuncia algo da ordem do inconsciente, que pode ser considerado uma narrativa, com ou sem palavras, que, aos poucos, vai organizando a experiência infantil (STURMER; CASTRO, 2009 citado por ISSE, 2013). Assim, falar da técnica psicanalítica com crianças, nada mais é do que falar do brincar.

Desde que psicanalistas começaram a se interessar pela clínica infantil, inúmeras referências clínicas e teóricas vieram mostrando a relação que o brincar da criança tem com a associação livre dos adultos. Ao se proporcionar a criança escolher matérias lúdicas, dando a ela a liberdade de escolha, conteúdos surgirão, como ocorre quando se diz ao adulto para falar tudo o que lhe vem à cabeça. Provavelmente, a criança irá desenvolver uma brincadeira.

(BLINDER; KNOBEL; SIQUER, 2011). Através disso, a criança falará tanto quanto um adulto. Assim, ao investir-se no mundo lúdico da criança, será possível visualizar sua personalidade integral. O psicoterapeuta, no momento que ver além da brincadeira, terá a possibilidade de encontrar um conteúdo para interpretar pois, o lúdico, é uma expressão da autenticidade do self da criança. Além disso, é uma forma de constituir sua personalidade, sendo o que pode dar sentido ao seu existir (ROCHA, 2013). Se ao contrário e a criança não desenvolver uma brincadeira, o psicoterapeuta terá um importante trabalho a realizar, buscando entender o que impede esta criança de brincar (BLINDER; KNOBEL; SIQUER, 2011).

Na psicoterapia infantil de orientação psicanalítica é fundamental ver, escutar e compreender a brincadeira da criança durante a sessão. Como refere-se os autores Blinder, Knobel e Siquer (2011), já trazia Sigmund Freud em seus trabalhos de que através do brincar se conhece o caráter do homem, em especial, o caráter reprimido. Será por meio do brincar que a criança projeta suas ansiedades primárias, podendo aliviá-las e elaborá-las. Para o psicoterapeuta, será a principal forma de acesso ao inconsciente infantil, como apontado por Melanie Klein (BLINDER; KNOBEL; SIQUER, 2011), mas para isso, como traz os estudos de Winnicott, será necessário que o psicoterapeuta esteja disponível e faça parte da brincadeira da criança, assim, surgindo um par: psicoterapeuta e paciente. A criança poderá criar confiança, e na brincadeira e manipulação de objetos lúdicos, deixará surgir fenômenos de sua realidade externa/interna. Porém, o seu uso vai depender da escolha da criança, neste meio, o psicoterapeuta apenas será o facilitador. Através dos recursos lúdicos, se perceberá o que a criança quer dizer, e a interferência do psicoterapeuta poderá ser negativa no momento em que fizer sua própria escolha e não respeitar o que a criança quer (ISSE, 2013).

Conforme Freud (1971)², ao conduzir-se uma psicoterapia infantil, o psicoterapeuta deve em um primeiro momento mostrar-se interessante para a criança. Assim, deve-se buscar explorar seu mundo imaginário. Após conquistar a confiança, o objetivo é mostrar-se útil em relação as coisas triviais desta criança. Dessa forma, surgirá uma qualidade prazerosa, não apenas ser interessante, mas útil. A criança observará assim que o fato de estar em psicoterapia trará enormes vantagens. Com isso, o psicoterapeuta deverá oferecer um ambiente que inclua a criação de vínculo. Por meio da transferência e da contratransferência, o vínculo precisará ser estabelecido para gerar a confiabilidade na relação psicoterapeuta/paciente. Assim, o paciente se sentirá cuidado (BARROS, 2013). O vínculo terapêutico estará diretamente ligado a relação interpessoal, associado a qualidade da relação terapêutica, e isso será fundamental para o

² Anna Freud em *O tratamento psicanalítico de crianças*.

sucesso da psicoterapia (LIMA, 2007). Nisso, entra um outro lado do brincar, o de ser interessante para criança, mas lembrando, deverá sempre partir da escolha da criança a brincadeira ou qual objeto lúdico ela quer utilizar.

Como auxílio a psicoterapia infantil, a literatura destinada a este público poderá se fazer presente. Será através deste material que a criança poderá buscar representações, significados e certa ordenação ao caos. O simbolismo da criança poderá ser um antídoto que auxiliará no combate ao seu sofrimento por meio do encontro com alguém ou um texto (GUTFREIND, 2014). Conforme Corso e Corso (2006) a criança quando recebe um suporte adequado que a ofereça proteção e estímulo necessário para crescer, certamente terá a possibilidade de ser flexível emocionalmente para reagir a situações, criando soluções para impasses. Porém, isso não será o suficiente para os problemas, as dúvidas e as exigências que surgirão. Assim, como aliada, poderá ser utilizada a literatura infantil. Na clínica psicoterápica de orientação psicanalítica é usual a utilização da literatura infantil no tratamento de crianças e até mesmo adultos, pois, proporciona a introspecção, atraindo as emoções do ouvinte ou do leitor, possibilitando ao indivíduo pensar sobre seus sentimentos (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). Porém, será a partir da transferência e da contratransferência estabelecidas, que o psicoterapeuta poderá decidir fazer o uso das histórias infantis com seu paciente. Recomenda-se não utilizar tal material no início de uma psicoterapia, em função de que o psicoterapeuta não possui conhecimento suficientemente de tal indivíduo. Outro detalhe é de que o psicoterapeuta deverá adquirir conhecimento dos conflitos da criança, seu processo maturacional e seu meio cultural (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). Assim que descobertas tais questões, o universo literário poderá ser introduzido ao processo clínico.

2.2 A literatura infantil

A literatura infantil surgiu inicialmente como poemas. Tendo suas origens no século XVII na França, as histórias clássicas infantis nasceram para os adultos. No século XVII, destacou-se Charles Perrault, o qual não estava preocupado com as crianças, porém, pretendeu mais tarde diverti-las e orientar a formação moral, especialmente, de meninas. Entre suas histórias, estão as conhecidas até hoje, como: *A Bela Adormecida*, *Chapéuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira* e *O Pequeno Polegar*. No século XIX, as histórias retornaram não apenas como uma preocupação e entretenimento para as crianças, mas também com um motivo linguístico. Assim, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, passaram a coletar e estudar uma vasta

gama de textos. Entre os materiais traduzidos para o português estão as populares histórias: *Os Sete Anões e a Branca de Neve* e *Chapéuzinho Vermelho* (SOUZA, 2005).

Do ponto de vista da psicologia, considerações passaram a ser feitas sobre a literatura infantil. Autores como, Marie-Louise Von-Franz, apoiada em conceitos da teoria junguiana, Bruno Bettelheim e René Diatkine, apoiados em conceitos da teoria psicanalítica, buscaram compreender qual era o significado de tal literatura no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças. Através da investigação de Bettelheim, foi pontuado de que todos sujeitos necessitam do reconforto proporcionado pela imaginação, para que dessa forma seja possível viver o mundo das realidades cotidianas. Nesse caso, a literatura infantil orienta a criança frente aos seus anseios e desejos, porém, as histórias deverão ter um final feliz para produzir seu efeito benéfico sobre a criança. Assim, proporcionando o desenvolvimento psicológico saudável (SOUZA, 2005).

Para criança, conforme Bettelheim (1980), será mais fácil aprender o que é certo e o que é errado por meio da literatura infantil. Ali ela poderá encontrar refúgio para os seus problemas. Assim, quando a criança se deparar com alguma dificuldade ou sofrimento, poderá ter seu refúgio mental em um lugar onde um final feliz sempre lhe aguarda. A criança aprenderá lidar com a obscuridade do mundo, com a distinção do certo e errado no âmbito social e com momentos de extrema felicidade. O imaginário infantil se enriquece com as narrativas da literatura infantil. É com os contos e histórias que a criança cria um espaço em sua cabeça para um mundo mágico fabuloso. Além disso, a criança aprende a reagir a situações desagradáveis e a resolver seus conflitos pessoais (SOUZA, 2005).

2.3 A literatura infantil no espaço psicoterapêutico

Por meio do encontro entre a literatura infantil, com a psicanálise e a psicoterapia, surge a possibilidade de o psicoterapeuta encontrar representações, símbolos e sentidos. Nasce a possibilidade de contar e ilustrar as dores. Com a criança será possível refazer laços, reverter versões e solidificar afetos. Construir novas histórias pessoais para lidar com o caos do inconsciente (GUTFREIND, 2014). Conforme Pavlovsky e Kesselman (2007), citado por Gutfreind (2014), o espaço lúdico é fundamental para criança. É necessário que ela brinque para se separar do outro, para ser único e singular. Subjetivar-se para perder e aprender significados. E cria-los. A criança necessita viver novas possibilidades. Será através da literatura que surgirão diferentes formas de pensar e ver a realidade.

Conforme Corso e Corso (2006, p. 304),

[...] quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizadas se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

Sendo assim, quanto mais a literatura infantil for mágica, onírica, radical e absurda, melhor será. Afinal, as crianças são adeptas a ficção. Porém, conforme ainda Corso e Corso (2006), vai depender da vida que a criança está levando para que esta use a literatura infantil, ou seja, se a criança está familiarizada com as histórias e contos, será mais fácil com que ela traga recorte de histórias para a psicoterapia, ou ainda, se sente prazer em fazer uso de livros, ela mostrará mais interesse em poder fazer uso deste material. Pensando no contexto da psicoterapia, quando as histórias infantis se fazem presentes, podem ser utilizadas como dispositivos de intervenção. Tal material pode ser considerado como uma interpretação transicional, proporcionando uma identificação com a própria história do paciente (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). A literatura infantil pode ser encarada como sendo um estímulo à vida imaginária e à capacidade de simbolização, potencializando à função do pensar da criança. Ou ainda, organiza os arcaísmos da criança, dando lhes um sentido e instigando ela de maneira criativa (GUTFREIND, 2003/2004 apud SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). Além disso, a literatura infantil podendo ser encarada como algo lúdico e divertido, no decorrer do processo clínico poderá ser um facilitador na criação de vínculo da criança com o psicoterapeuta (SAFRA, 2005 apud SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

A literatura infantil é repleta de personagens, como por exemplo, bruxas, madrastas, vinganças, invejas, ciúmes, entre outros. Todas as reflexões sobre os contos serão possíveis. Afinal, a criança poderá se identificar com os personagens, projetando ali todos os seus sentimentos. Será então, que o psicoterapeuta poderá mostrar a criança que é possível encontrar soluções, até mesmo para as situações mais temidas. Dessa forma, o psicoterapeuta será a presença do outro, transformando o que ali está sendo dito, ajudando a criança a enfrentar seus conflitos e angústias (ISSE, 2013). Afinal, na psicoterapia infantil certas questões podem ser óbvias ao psicoterapeuta, porém, deverão ser trabalhadas com a criança, ou mesmo com seus pais ou responsável. Dessa forma, a utilização das histórias infantis será bem-vinda no processo psicoterapêutico. “Rivalidade entre irmãos, apego ou aversão ao pai do mesmo sexo, um herói-modelo, o sujeito que sempre se dá mal [...], são situações que fazem parte não apenas dos contos, mas também existem na vida real.” (BENETON, 2013, p. 6).

Os contos sempre surgem dilemas existenciais: a rivalidade fraterna, a diferenciação mãe/criança (constituição do ego), a triangulação (mãe/pai/criança), o Complexo de

Édipo, a angústia da castração (falta, perda)... , porém nos contos são passados de uma forma que a criança ouvindo tais acaba entendendo o que acontece com seu “eu”. (CAMPOS et al, 1998 apud BENETON, 2013, p. 14).

Questões contemporâneas como a violência entre pais e filhos, a sexualidade precoce, roubos, crimes em geral, podem não ser interpretadas pela criança em função da sua maturidade psicológica. O contato com histórias permitirá com que a criança consiga analisar, compreender e suprimir os conflitos pelos quais passa em seu cotidiano (BENETON, 2013). Vista como projeção, é possível afirmar que após algum conteúdo ser reprimido, poderá surgir sua substituição, porém, sem abandonar seu conteúdo original. Tal conteúdo irá sofrer uma deformação e, então, surgirá na consciência. A projeção poderá representar o simples desconhecimento e os desejos e emoções do sujeito. A criança, por meio do lúdico, realizará tal projeção, depositando suas questões nos diversos personagens da trama da brincadeira (PINTO, 2014). Neste sentido que a literatura infantil poderá ser de suma importância, pois a história infantil poderá fazer com que a criança a envolva com seu estilo pessoal. O conteúdo projetado pela criança poderá ser interpretado pelo psicoterapeuta e, posteriormente, trabalhado com a criança a fim de auxiliá-la em seus conflitos.

As histórias infantis podem ser utilizadas,

de forma terapêutica, como mediadores entre o mundo interno e a realidade externa da criança, como dispositivos de contenção de seus aspectos psíquicos, sendo, ainda, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento. Dessa forma, a criança não necessitará refugiar-se em uma organização defensiva patológica, ou mesmo desenvolver um sintoma por meio do qual o corpo siga sofrendo em lugar da mente (DIAS, 2003 et al apud SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p.142).

A literatura infantil pode ser utilizada pela criança como um brinquedo verbal, encaixado à sua realidade. Por exemplo, se uma menina dizer que quer ser uma princesa, uma brincadeira pode começar entrelaçando o imaginário infantil e traços da personalidade da própria criança (CORSO; CORSO, 2006 apud PEREIRA; LEMOS, 2013) e de sua história de vida. Vale lembrar ainda que autores como Belmont e Sigmund Freud, como traz Gutfreind (2010), descreviam a relação entre o conto e o sonho. No caso da literatura infantil, este material seria uma forma distorcida de “realização de desejos, os devaneios da vida de vigília significariam a realização (ou o acontecimento) do desejo por meio de uma forma de fantasia que é, mais além, uma forma positiva de fantasiar.” (FREUD, 1908/1974 apud CONTI; SOUZA, 2010, p. 100). Com os processos e mecanismos semelhantes dos sonhos e dos contos (deslocamento, simbolização, condensação, realização de um desejo inconsciente...), ambas as formas podem ser trabalhadas de forma parecida, ou ainda, a literatura infantil, por sua estrutura e conteúdo capaz de estimular o imaginário, pode também despertar os sonhos.

Através do uso da literatura infantil, Conti e Souza (2010) acreditam que seja possível observar de que forma, no caso a criança, se comporta frente aquele material, comportando-se de forma intensa, inibida ou recalcada. Assim, será pelo modo como o psicoterapeuta observa o uso a literatura infantil no processo clínico, percebendo como forma lúdica e provida pela fantasia da criança, que se inserirá como mais uma modalidade auxiliar de interpretação diagnóstica. Por meio da atividade lúdica, ou seja, aqui representada pelo uso da literatura infantil, possibilita com que se escute o inconsciente por meio da observação das vias de expressão da criança. Assim, como ainda refere-se Conti e Souza (2010, p.112), convocar o inconsciente por meio do uso deste material, “resultaria na relação com o mundo de fantasia e com os principais conflitos do sujeito.”

3 A PESQUISA EM PSICANÁLISE

A pesquisa em psicanálise faz parte da formação do psicoterapeuta com orientação em tal teoria. Utilizando-se da própria terapia e dos estudos que empreende, o psicoterapeuta acrescenta conhecimento a sua atuação. Partindo do pressuposto de que a pesquisa nasce na atividade clínica e prolonga-se dela, será através dos questionamentos e dúvidas que surgirá determinado estudo. Tal pesquisa se sustentará na transferência, pois aqui, o psicoterapeuta será posto frente a um enigma, em que, ele não sabe claramente sobre aquilo que se supõe que ele saiba. Então, através deste enigma que precisa ser especificado, nasce um tema, com determinada problemática, requerendo um trabalho específico. O estudo em psicanálise inicia-se na pesquisa bibliográfica (BERLINCK, 2002).

Busca-se através de um método, aqui qualitativo, realizar uma investigação compreensiva. A pesquisa qualitativa caracteriza-se pelo fato de cultivar a explicitação de pressupostos teóricos. Neste sentido, falamos da pesquisa de fundo psicanalítico, a qual consiste em um método de investigação sobre processos de produção de sentidos (FERNANDES et al, 2012). Deve-se então, conforme Fernandes et al (2012), adotar a psicanálise como método, sem aderir a um corpo metodológico específico. Trata-se de não trabalhar com o já estabelecido, só assim o novo poderá emergir. Se dá a liberdade, no âmbito da pesquisa universitária, rejeitar antigas ideias quando novos conhecimentos surgirem.

A objetividade não faz parte do campo da psicanálise, ao contrário, o que lhe caracteriza é investigação da subjetividade. A associação livre, a transferência e a intervenção do psicoterapeuta, dispositivo analítico em psicanálise, torna-se objetivo de investigação. Aproveita-se então os conhecimentos advindos daí como possibilidade de pesquisa. Da psicanálise fica a descrição, embora pareça singular, elaborar uma investigação possibilita construir conceitos sobre esta experiência, e em especial, pelo desejo do psicoterapeuta o qual torna-se pesquisador. Assim, a psicanálise propõe um método novo de investigação (NOGUEIRA, 2004).

Um dos tipos de pesquisa acadêmica é aquela que utiliza da orientação psicanalítica dentro ou fora de *settings* de atendimento. Aqui, é possível dialogar com outros sujeitos, a fim de investigar determinada questão. No campo da psicologia, entre os diferentes modos de realizar a pesquisa, ela pode ocorrer por meio de entrevistas (FERNANDES et al, 2012). Neste sentido, desenrola-se a presente pesquisa. Assim, através da pesquisa de campo, orientada pela psicanálise, o material resultante da produção interpretativa sobre a inserção da literatura infantil no processo clínico, permitiu a produção de conhecimento compreensivo sobre tal tema.

Porém, ao assumir o objetivo de compreender sobre a inserção da literatura infantil no processo clínico, o trabalho não se deu a partir dos pacientes, portanto, não se tratará de realizar a interpretação de atendimentos, mas de investigar a partir da psicanálise, o lugar que tal fator ocupa, usando, para isso, o referencial teórico que aqui será apresentado para a análise dos dados.

3.1 Produção e análise de dados

Na pesquisa participaram psicoterapeutas de orientação psicanalista, as quais atendem crianças em Santa Cruz do Sul-RS e Vera Cruz-RS, e de alguma forma tiveram a experiência do uso da literatura infantil no processo clínico. Ao todo, a pesquisa teve a participação de 5 sujeitos, que a partir do meu conhecimento de que trabalhavam com a clínica infantil de orientação psicanalítica, ou por indicação, foram convidados a participar da presente pesquisa. O primeiro contato foi por meio da troca de mensagens telefônicas ou por e-mails. Neste momento me deparei com a dificuldade de encontrar indivíduos que se encaixassem no perfil da minha pesquisa. Alguns sujeitos, embora trabalhassem com a clínica infantil de orientação psicanalítica, não tiveram em nenhum momento no processo clínico a inserção da literatura infantil. Então, a partir destes 5 indivíduos que se encaixaram no perfil procurado para pesquisa, iniciou-se as entrevistas. Todos os participantes são do sexo feminino, sendo duas psicoterapeutas de consultório privado e três da rede pública. Ambas estão a um bom tempo vinculadas com a clínica infantil de orientação psicanalítica, algumas inclusive possuem algum tipo de especialização voltada ao atendimento de crianças.

Para participar da pesquisa, as entrevistadas inicialmente concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual continha informações sobre a pesquisa, com o objetivo de convidar o indivíduo a aceitar a participar da entrevista. O que foi levado em consideração durante a pesquisa foi o ponto de saturação para encerrar as entrevistas. Tratando-se do critério de saturação, este é um processo de validação objetiva em pesquisas qualitativas, em que nenhuma nova informação é registrada na pesquisa, determinando assim quando as entrevistas deixarão de ser necessárias. A utilização do critério de saturação é comumente aplicada em entrevistas semiestruturadas com respostas em aberto (THIRY-CHERQUES, 2009). Porém, fica a ressalva de que no decorrer das entrevistas, houve a dificuldade de encontrar pessoas que se enquadrassem no perfil da pesquisa.

O procedimento da presente pesquisa contou especialmente com a entrevista, a qual consiste em uma técnica para adquirir dados sobre determinado tema. “É uma técnica de

interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72). Foi utilizada a entrevista semiestruturada, na qual se organizou um breve roteiro sobre o tema estudado. Porém, foi incentivado com que as entrevistadas falassem livremente sobre a literatura infantil inserida no processo clínico. Após, buscou-se interpretar as questões contidas na entrevista, para desta forma, refletir sobre o tema principal da pesquisa. Assim, foi realizado a análise dos dados em que, baseada na pesquisa psicanalítica, consistiu na reflexão pós-fato, ou seja, na produção de conhecimento científico a posteriori e baseada em fatos clínicos (DALLAZEN et al, 2012). Para maior fidedignidade, foi gravada a entrevista para posterior transcrição, porém, tal material ficará sobre total responsabilidade da pesquisadora, e guardado por cinco anos, após será devidamente descartado.

Para o desenvolvimento da análise dos dados, em um primeiro momento, foram trazidas algumas questões teóricas importantes para a compreensão do trabalho, trazendo referência a técnica psicanalítica com crianças e considerações sobre a literatura infantil. A partir disso, os dados produzidos através das entrevistas foram categorizados em duas principais unidades temáticas, sendo: o lugar da literatura infantil no espaço psicoterápico de orientação psicanalítica e o modo de inserção, as quais serão desenvolvidas no capítulo a seguir.

4 A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Tendo em vista as questões teóricas abordadas acima, desenvolve-se, a seguir, as unidades temáticas que foram produzidas a partir das entrevistas com 5 psicoterapeutas de orientação psicanalista, as quais atendem crianças no município de Santa Cruz do Sul-RS e Vera Cruz-RS, e que de alguma forma tiveram a experiência do uso da literatura infantil no processo clínico com algum paciente. Para manter o anonimato, as entrevistadas serão aqui referenciadas como E1, E2, E3, E4 e E5. Suas falas quando abordadas, no decorrer das próximas unidades temáticas, serão grifadas em itálico para melhor visualização. Tratando-se das unidades temáticas, em um primeiro momento será discutido sobre o lugar que a literatura infantil ocupa no espaço psicoterápico de orientação psicanalítica e, posteriormente, a discussão será sobre o modo com que a literatura infantil se insere no processo psicoterápico. Com isso, o intuito será esclarecer, a partir das entrevistas, como a literatura infantil é usada no contexto psicoterápico.

4.1 O lugar da literatura infantil no espaço psicoterápico de orientação psicanalítica

Percebe-se que a lista de autores que argumentam a favor do uso da literatura infantil no processo psicoterapêutico é grande, mas devemos estar atentos a forma como usar tal material. Por mais que se estipulem certas regras para uma atividade lúdica, tal atividade não poderá ter caráter obrigatório, por exemplo, determinando com que a criança use certo material sem que seja de sua escolha. Neste sentido, o uso da literatura infantil deverá partir do interesse e escolha da criança. Assim, além da função simbólica, a criança poderá utilizar dos seus recursos criativos e do seu verdadeiro eu para expressar sentimentos como de amor e ódio (CONTI; SOUZA, 2010). Tal questão ficou expressa nas falas das entrevistas, como pode ser visto nos recordes a baixo:

E1: *‘é dentro de uma demanda, de uma busca da criança.’*

E4: *‘sempre a partir da escolha dela (da criança) e do que vem de material na sessão. Se faz alguma referência que viu ou estudou alguma história, ou escreveu sobre alguma história, [...] eu vou atrás para ver qual o significado para criança é isso ali.’*

Nas entrevistas realizadas, os sujeitos enfatizaram que, como se trata da técnica psicanalítica, deixa-se o paciente a vontade para trazer o que quiser, sem interferência do analista. Será a partir do paciente que será trabalhado determinado material. Sendo assim, no caso do uso da literatura infantil, o maior interessado deverá ser a criança. A partir da escolha

do paciente é que o psicoterapeuta deverá se deter e buscar entender qual o significado está depositado na literatura infantil por parte da criança, se esta decidir usar tal material, sendo o livro físico ou a contação da história. Assim, como traz a E4, o uso da literatura infantil proporciona *‘um processo de autoconhecimento. De poder trabalhar questões relacionadas geralmente ao sintoma ou dificuldade que ela (a criança) está passando, assim podendo enfrentar certas questões.’*

Da mesma forma, E1 traz que: *‘a medida com que a criança quer usar a literatura como um instrumento, como se fosse um brinquedo, ou tendo uma simbologia, ou que se possa estar usando no processo terapêutico por uma escolha dela [...] é importante, isso quer dizer alguma coisa, isso tem uma significação, isso tem um lugar no processo terapêutico.’* Ou ainda, conforme E5: *‘Se a criança queria. Se ela trouxe, pois ela sabe bem o que ela está fazendo ali. Se ela trouxe aquilo para sessão, tem algum sentido. Então vamos deixar ela falar, não vamos desqualificar.’*

No contexto psicoterápico é importante identificar o que a criança quer dizer com seu brincar, respeitando a sua escolha e compreendendo as razões de tal escolha. Como dito anteriormente, o divã, aquele que insere a regra fundamental da associação livre, se dará por meio de objetos lúdicos. Com isso, a criança vai expor aspectos inconscientes, o que proporcionará material interpretativo ao psicoterapeuta. Para que isso ocorra, assim como na associação livre, a criança deverá ter a liberdade para escolher fazer o que quiser no contexto clínico. Assim, a partir da escolha da criança de fazer o uso da literatura infantil, que tal material poderá ser usado como mediador na psicoterapia infantil (MORAES; BARACAT, 2015).

No momento em que a criança conta histórias ou lê histórias, utilizando-se do material físico ou não, supõe-se que ela estará usando uma forma de estruturar o discurso associado aquela fantasia com sua realidade. Cabe ao terapeuta levantar hipóteses do que a criança está querendo dizer. Neste sentido, o papel que ocupam o psicoterapeuta e paciente no processo clínico será fundamental. De um lado, será solicitado a estruturação de um discurso, e de outro, estará aquele que deverá orientar a tarefa sem oferecer respostas (CONTI; SOUZA, 2010). Para que isso ocorra, o psicoterapeuta deverá estar disponível a brincadeira e se fazer parte dela, como observa E5: *‘Se o espaço é terapêutico, tem um espaço terapêutico que você cria ali e que você está junto. Você vai ficar junto nesta fantasia, junto ali na brincadeira. Você tem que permitir que a criança através da brincadeira, se é deste jeito que ela fala, eu vou escutar ela ali.’* Dessa forma, além de estar disponível a brincadeira e se fazer parte dela, o psicoterapeuta deverá buscar entender o que aquela criança está trazendo ali.

O psicoterapeuta precisa estar disponível para brincar com a criança, pois como salienta Zatti e Kern (2014), é por intermédio do brincar que emergirá conteúdos da vida do paciente. Quando o psicoterapeuta passa a brincar com a criança, um relacionamento de confiança será construído, através do contato e intimidade. A partir disso inicia uma atividade comunicativa e criativa. Então, no momento em que a criança fazer uso da literatura infantil será possível observar a relação que a criança mantém com seu mundo de fantasia. Por meio disso, ela encontra simbolização para suas ansiedades e angústias, através da elaboração do sofrimento e eventos traumáticos (ZATTI; KERN, 2014). Ao ser convidada pelo terapeuta a brincar, a criança vai retratar sua história pessoal de vida (CONTI; SOUZA, 2010). Como é possível ver no exemplo a seguir dado pela E1 sobre uma paciente.

‘Ela gostava muito do livro que se chamava Pipi, Meia Longa [...] e é um livro que tem muito a ver com a historinha dela. E daí ela começou fazer um livro a respeito de monstros e das transformações dela, de menina para pré-adolescente, e as questões do corpo que estavam sendo colocadas ali. [...] a partir das coisas que ela tinha lido, sobre monstros e sobre a Pipi, Meia Longa, todas as referências que ela tinha da literatura, ela estava construindo o livro dela, que tinha haver com o processo de mudança de corpo, de todos os lutos frente a esta mudança da infância para a adolescência. Uma menina pré-adolescente, algo mais precoce, apesar da idade dela, 11, acho que era isso. Com 12 ela já estava com toda a transformação corporal, e incomodava muito a ela o olhar dos outros, ela se sentia uma menina num corpo de mulher, pois estava mudando muito, muito rápido. Então ela fez esta construção toda de livro e essa sim baseada na literatura que ela já tinha acesso.’

A possibilidade de utilizar a literatura infantil proporciona a criança falar naquela história, de sua própria história de vida. Como afirmam Zatti e Kern (2014) este material estimula a criatividade, o lúdico, a expressividade e a autonomia da criança. Isso fará com que esta criança faça uma interpretação de sua situação existencial, além de fornecer subsídios ao psicoterapeuta para realizar intervenções, se assim necessário, como foi o exemplo da E4: *‘Teve um outro menino que trazia com muita frequência a história do João e o Pé de Feijão, que tinha toda uma história também. O João era uma criança que a mãe xingava muito, que teve que buscar outro lugar... Teve muito pontos que puderam ser trabalhados e em outras sessões ele desenhou, retomou a historinha e foi possível aproveitar todo este material que tinha uma relação direta com as questões dele.’*

A literatura infantil auxilia significativamente a criança no processo de desenvolvimento da capacidade de imaginação e simbolização (MORAES; BARACAT, 2015). Com isso, é possível observar que no momento em que a criança de alguma forma trazer para o processo

clínico a literatura infantil, será possível trabalhar com ela o processo de autoconhecimento. O psicoterapeuta se fazendo disponível para o que surgir a partir daí, poderá realizar certas intervenções que dizem respeito aquele paciente, pois independentemente do que aquela criança estiver trazendo, com certeza algo ela estará dizendo. Porém, é importante estar atento ao modo de inserção que este material fará no processo clínico, como poderemos ver no tópico a seguir.

4.2 O modo de inserção da literatura infantil no processo psicoterapêutico de orientação psicanalítica

Como dito anteriormente, quem deve trazer a literatura infantil ao contexto psicoterápico é a criança. Isso poderá ocorrer tanto com a criança contando alguma história que tenha visto em outro ambiente, como escola ou em casa, ou mesmo trazendo o seu livro ou que tenha encontrado no consultório. Então, através da escolha e interesse da criança, é que o psicoterapeuta irá se debruçar sobre tal material, mas nada impede com que o psicoterapeuta estimule o uso de histórias e contos, disponibilizando livros ou os oferecendo, como pode ser visto nos exemplos trazidos nas falas abaixo.

E3: *‘[...] uma situação que envolveu luto e daí tem uma coleção de livros, não me lembro bem o nome da coleção, e tem um livro que fala de luto, mas eu perguntei para criança se eu poderia trazer um livro que falava sobre este assunto e ela concordou. [...] eu pedi a autorização dela para trazer, se ela tivesse dito não, eu não levaria. Então, sempre é uma demanda que parte da criança.’*

E5: *‘Olha, tem livrinhos, quer?. Pois as vezes tem criança que está mais difícil de se aproximar [...]. Como você cria um espaço terapêutico, se a criança [...] tem dificuldade, você começa a brincar [...]. Por que um livro que me atrai e que eu goste, eu não posso colocar como uma possibilidade... só que eu tenho que saber que é uma possibilidade. Tem que abrir uma possibilidade para a criança, se não, eu vou ficar esperando que ela responda do jeito que eu quero. E se a criança, ‘ih que história chata’, ser uma coisa que vá contra ao que eu tenha estabelecido, eu tenho que ir a favor da criança. Eu não posso fazer com que ela brinque do meu jeito. Eu posso começar a brincar, para estabelecer um espaço de brincadeira. Então, estabelecer um espaço de fantasia. Se eu entendo isso da literatura... o que é a literatura? é um espaço de fantasia, que eu diga o que eu quero dizer, destas coisas que me angustiam e utilizando esta linguagem mais universal, ou pelo menos mais comum a estas pessoas que eu convivo, de um jeito que ela possa falar, mas é para criança falar, não é para o terapeuta. Aqui é um espaço que eu abro, começo abrindo, mas é para criança falar. Para fantasia da criança*

estar ali. Mais hoje que a gente vive em um mundo que é tão mais duro. As imagens estão o tempo todo aí. O espaço da fantasia está menor, então abrir este espaço para fantasia.'

A possibilidade de a criança utilizar a literatura infantil, surgirá como um estímulo para que através daquela história, a criança fale de sua própria história de vida. Na demarcação do papel do psicoterapeuta, será possível convidar a criança a brincar, entrando em um mundo, o mundo da criança, de fantasia. O interessante ao psicoterapeuta será o material inconsciente que se debaterá com o material ali presente. Então, considerar a utilização da literatura infantil no processo clínico como uma atividade lúdica, aparentemente insignificante, é considerar possível observar o mais importante da tarefa psicanalítica: o inconsciente do sujeito (CONTI; SOUZA, 2010).

Conforme Moraes e Baracat (2015) na clínica psicanalítica com crianças a literatura infantil pode ser usada com recurso terapêutico a fim de abordar os conflitos do paciente, disponibilizando assim histórias e contos que servem de instrumento para interpretação. As narrativas propiciam as crianças reconhecer suas próprias questões e, dessa forma, rever seus desejos e angústias, uma vez que a literatura infantil possibilita encenar os dramas e, assim, refletir sobre eles. Além disso, a utilização deste material “na psicoterapia infantil abre um espaço acolhedor para a criança, possibilitando uma via de acesso à manifestação de sofrimentos, angústias, ódios e dores, sentimentos que possivelmente não apareceriam em suas casas com seus cuidadores ou em qualquer outro espaço de forma explícita.” (ZATTI; KERN, 2014, p. 7).

Outro viés aqui presente é a questão ainda ilustrada pela E5, de que vivemos em um mundo em que as imagens se fazem presentes o tempo todo. Poder proporcionar um espaço de fantasia para criança é de suma importância. Afinal, como argumentam Blinder, Knobel e Siquier (2011), novos “membros da família” conseguiram se estabelecer na maioria dos lares, sendo eles a televisão, o tablete, o celular, entre outros eletrônicos que projetam imagens escondendo uma consequência a criança: a perda de certa capacidade criativa. Quando se proporciona a criança conhecer um conto, uma história, estará lhe favorecendo os processos imaginários, e com isso a criança constrói a trama e os personagens. Ao contrário, quando apenas lhe é dado eletrônicos, de certa maneira é cortado sua capacidade imaginativa. A questão aqui não é negar o uso destes objetos, mas alertar para como se processa as informações e todas as imagens em movimento, ou se apenas são acumuladas pela criança.

Ainda sobre os eletrônicos, E4 traz que: *‘Hoje, desde muito cedo é inserido os eletrônicos, e quem trabalha com psicanálise sabe o quanto isso é ruim. Então no que a gente poder postergar e poder retomar estes materiais, como é o caso da literatura, [...] é superimportante.*

Não que eu seja contra os eletrônicos, mas na primeira infância, com a criança pequena, no que a gente puder adiar, pois a gente vê criança com dois aninhos já no celular mexendo, a gente tem que estimular os pais para poder passar coisas produtivas para estas crianças. Pois no celular, ipad, é um jeito de deixar eles quietos.'

Surge outra questão, conforme ainda explicam Blinder, Knobel e Siquier (2011) sobre os eletrônicos, da sua função “cuidadora” das crianças. Muitas crianças são deixadas, por exemplo, na frente da televisão ou vídeo, para que o efeito hipnótico lhes mantenham quietas. Com o tempo, a presença real de um indivíduo não será mais necessária. A criança reage adaptando-se e a consequência será a dependência e a diminuição de capacidade criativa. Com isso, a literatura seria um bom aliado. A partir dela pode ser estimulado a capacidade criativa da criança, inserindo a magia da literatura infantil. Assim, como E2 traz, *‘não quer dizer que tem que vir só da criança, ao menos podemos mostrar e estimular, porque a leitura estimula, e a história você conta do jeito que você quer. Isso é interessante, interessante para questão da comunicação [...]. A comunicação que eu digo, não necessariamente a comunicação (gestos), enfim. A imaginação, estimula muito, e sem dúvida é uma ferramenta muito importante, porque estimulando a criança começa a brincar de uma maneira diferente. Acho que o livro é uma forma de estimular para além dos livros.’* Da mesma forma, Zatti e Kern (2014) afirmam que a utilização da literatura infantil traz o simbólico para a vida da criança, sendo o combustível para ter a capacidade de alcançar saúde mental.

A literatura infantil pode ser utilizada como recurso terapêutico no contexto psicoterápico, afinal, conforme Cristóvão (2010), tal material proporciona o desenvolvimento criativo e uma personalidade saudável na criança. Através da imaginação que os contos infantis despertam, revela-se como uma fonte de libertação. Surgem então símbolos, os quais é de grande valia aos psicoterapeutas de orientação psicanalítica, por serem vistos como representações do inconsciente. O que chama atenção é de que nos últimos tempos a literatura infantil foi trocada pelo CD-ROM e pela Internet, o que pode não proporcionar um espaço potencial para o despertar da fantasia da criança. Assim, busca-se através do estímulo que a literatura infantil proporciona, conectar-se a criança, quebrando com o efeito que os eletrônicos emitem. Com isso, através do efeito criativo que os contos infantis proporcionam, surge os símbolos, passíveis de interpretação na psicanálise.

Porém, reforça-se a ideia de que este material deve ser utilizado a partir do interesse da criança. Como trazido por algumas das entrevistas, a tentativa de apresentar a literatura infantil ao paciente é válida, mas se este não mostrar interesse, o psicoterapeuta não deverá obrigar o uso, pois assim, não haverá um caráter terapêutico e sim pedagógico. Não é de hoje que existe

uma certa crítica psicanalítica ao pedagógico. Sigmund Freud já trazia nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*³ sobre o lugar da educação no impedimento do instinto sexual da criança. De forma simples, é possível entender que o trabalho pedagógico exercido na educação tradicional resulta na repressão das crianças, dirigindo sua sublimação a objetos socialmente aceitos, como as artes em geral. Com caráter moral, esta repressão traz consequências a vida adulta (SCHMIDT, 2011). No trabalho psicoterapêutico será observado a singularidade do paciente, levando em consideração suas peculiaridades e desejos. O viés será terapêutico, assim, não haverá uma atividade pré-definida com a criança, pois como traz E1, ‘[...] daí isso é pedagógico, e esta é outra questão.’

Retratando ainda a questão pedagógica, E3 diz que: ‘*Se obrigar algo para criança, daqui a pouco fica muito no pedagógico, no educativo, que é outra coisa. Isso é dentro da escola. Quando a professora vai, leva uma atividade para atingir um objetivo e ela leva uma atividade para criança, pois ela sabe o objetivo que quer atingir. Claro, nós aqui temos nossos objetivos, pois tem uma demanda, mas a demanda tem que vir desta criança, se não nós vamos estar dizendo como ela tem quer ser.*’

Sendo assim, a atividade no ambiente terapêutico não poderá ser de caráter obrigatório, pois como alerta Winnicott (BARROS, 2013), o psicoterapeuta não deve trabalhar de forma rígida, mas sim, acolher seu paciente, permitindo que a sessão ocorra conforme a vontade deste, mesmo que transcorra de forma desorganizada. A criança deverá ter a liberdade para expressar-se à sua moda. Isso será necessário para que a transferência e contratransferência aconteçam e um ambiente que inclua a criação de vínculo possa surgir, afinal, tratando-se da escola, as crianças são mantidas numa relação de submissão passiva à autoridade do professor (Pedroza, 2010). Na psicoterapia a criança deverá sentir-se acolhida e numa relação de igual para igual.

A relação entre psicanálise e pedagogia vem de longa data. Como salienta Pedroza (2010) a psicanálise faz uma crítica as normas pedagógicas por serem a doutrina da pulsão, pois:

A pressão que a sociedade exerce sobre o indivíduo desde sua infância, a partir da educação, faz com que a criança se conforme a uma realidade, que, é, de regra, a de dissimular sua investigação e seu conhecimento de tudo o que possa se relacionar à sexualidade. A finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, ou seja, é permitir ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para um universo simbólico, que faz referência a uma lei, a lei da castração (ARMANDO, 1974 apud PEDROZA, 2010, p. 82).

Outro detalhe que o psicoterapeuta deve ter cuidado é em relação ao uso de materiais de interpretação. Como bem traz uma das entrevistadas, o cuidado com a clínica psicoterápica infantil não está apenas em o psicoterapeuta deixar a criança livre para realizar o que desejar,

³ Sigmund Freud (1905/1996), citado por Schmidt (2011).

mas outro viés deve ser percebido, a busca de interpretações realizadas por outros psicoterapeutas e a réplica com diferentes crianças. Afinal, existem vários materiais que trazem sobre determinadas histórias e supostas interpretações. Como traz a E5, *‘aquela interpretação é da transferência daquele autor com aquela história. A interpretação que eu vou fazer é daquela criança com aquela história que ela está lendo. Dessa forma, para um terapeuta, se ele tem ali algum material, ele pode usar, ele só não pode usar uma interpretação no stander, que vai ser: toda criança que lê Chapeuzinho Vermelho está lidando com questões da sexualidade dela, como lidar com algo tão sexualizado? Não! De que lugar aquela criança se coloca no lugar da Chapeuzinho.’*

Almeida e Atallah (2009) argumentam que uma interpretação não parte da fala do analista, mas do dito do paciente. Quando o psicoterapeuta se fecha em um sistema explicativo acaba aprisionando o sujeito a uma única problemática, assim, a interpretação não resultará em uma verdade subjetiva daquele paciente. O método interpretativo deve ser usado como forma para entender a realidade subjetiva oculta do sujeito em psicoterapia, reconectando aos fragmentos da história individual a outros fragmentos de memória. Porém, isso não significa que recorrer a matérias de interpretações não seja recomendado. Como lembra ainda E5, *‘é importante que a gente leia, para poder aprender o exercício da interpretação. Como a gente faz a interpretação. O que é possível interpretar. Não para que você tenha que repetir aquelas interpretações, pois aquelas interpretações não passam a ser para qualquer criança, mas você vai aprender a fazer o exercício. Tem algumas coisas que são comuns, então você pode se inspirar naquelas interpretações.’* Sendo assim, estes materiais devem servir de apoio a um psicoterapeuta, mas entendendo que determinada interpretação é realizada da transferência daquele autor com aquela história. A interpretação de determinado caso deverá então ser realizada daquela criança, com aquela história que ela está trazendo, levando em consideração a sua subjetividade.

Dessa forma, novamente se reforça a questão da escolha da criança. O psicoterapeuta apenas será um facilitador da brincadeira e poderá oferecer, como por exemplo, a literatura infantil, mas quem deverá ser o interessado será a criança. Com a tentativa de inserir no processo clínico as histórias e contos, será uma forma de quebrar o uso feito pelas crianças em especial por tablets, celulares e videogames. A crítica aqui feita do uso dos eletrônicos pelas crianças é por trazer a consequência de favorecer a perda capacidade criativa, neste sentido a literatura seria um bom aliado por estimular a capacidade criativa da criança. Porém, sem levar alguma atividade pronta por parte do psicoterapeuta, pois se não cairíamos no que algumas entrevistas trouxeram do valor pedagógico e não terapêutico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutiu-se aqui sobre a inserção da literatura infantil no processo clínico. Inicialmente trazendo questões teóricas, foi possível aprofundar o quão significativo a utilização pela criança de histórias e contos pode ser. Sendo utilizado não só como uma forma para entreter as crianças ou fazer com que elas durmam, a literatura infantil pode proporcionar com que as crianças encontrem representações e significados para suas próprias questões. Atraindo as emoções, ouvindo ou lendo uma história, a criança pode trazer este material ao contexto da psicoterapia. Para o psicoterapeuta, poderá ser uma forma de acesso ao inconsciente infantil. Partindo para o resultado das entrevistas, embora apenas 5 psicoterapeutas de orientação psicanalítica tenham participado, já foi o bastante para chegar ao ponto de saturação da pesquisa. Porém, no decorrer destas entrevistas, houve uma dificuldade para encontrar pessoas que se enquadrassem no perfil da pesquisa. Isso refletiu o quão mínimo é feito de alguma forma o uso da literatura infantil no processo clínico. Talvez isso se de pela falta de interesse da criança em usar tal material, pois como abordado no texto, vai depender se a criança está familiarizada com a literatura infantil para com que esta traga recorte de histórias para a psicoterapia, ou ainda, se sente prazer em fazer uso de livros.

A principal questão retratada nos dados foi de que a inserção da literatura infantil no contexto psicoterápico deve-se dar por meio do interesse da criança. Tal fato foi citado por todas as entrevistas. Sendo por meio do uso físico do livro, que possa estar disponível no consultório ou que a criança tenha trazido, ou pelo simples fato da criança ter contato um trecho de alguma história, ter vindo fantasiada ou começar alguma brincadeira querendo imitar algum personagem que tenha tido contato por meio da literatura infantil, o psicoterapeuta deverá estar atento pois isso contará alguma coisa da criança em atendimento. O psicoterapeuta se fazendo disponível para o que surgir a partir daí, poderá realizar certas intervenções que dizem respeito aquele paciente, mas, se a criança não ter trazido ao contexto psicoterápico tal material, nada impedirá com que o psicoterapeuta estimule o uso de histórias e contos, disponibilizando livros ou os oferecendo para trabalhar certa questão própria daquela criança por meio de enredos e personagens. Porém, o psicoterapeuta apenas será um facilitador da brincadeira podendo apenas oferecer tal material, sem levar alguma atividade pronta, afinal, novamente ressalta-se de que quem deverá ser o interessado será a criança, para não cairmos no que algumas entrevistas trouxeram do valor pedagógico e não terapêutico do atendimento.

Com a tentativa de inserir no processo clínico as histórias e contos, também será uma forma de burlar o uso feito pelas crianças de tablets, celulares, videogames entre outros. A

crítica feita do uso dos eletrônicos foi de que são objetos que podem trazer consequências, como a de favorecer a perda capacidade criativa. A literatura infantil seria então um bom aliado por estimular a capacidade criativa da criança. Diferente de uma tela que passa imagens, como a televisão, que não exige fazer uma construção por já oferecer algo pronto, um conto e uma história estará favorecendo os processos imaginários, afinal, a criança deverá construir uma trama e os personagens. Dessa mesma forma, a indicação é de que a literatura não seja só aproveitada na psicoterapia, mas deveria ser utilizada pelos pais, os quais deveriam sentar para ler e narrar histórias para os filhos, pois, novamente iremos retomar sobre o poder com que a literatura tem de fazer com que as crianças encontrem representações, símbolos e sentidos.

Assim, conclui-se que os questionamentos iniciais puderam ser sanados, respondendo a principal questão de que é a criança quem insere a literatura infantil no processo clínico a partir de seu interesse e escolha. Com a pesquisa houve a surpresa de que mesmo que se tenha tido a dificuldade de encontrar indivíduos que se enquadrassem no perfil da pesquisa, foi possível encontrar repostas por meio das entrevistas que não divergiram umas das outras. Através da discussão realizada aqui, buscou-se chamar atenção para a tarefa terapêutica que a literatura infantil possui, podendo assim ser utilizada como um material facilitador da psicoterapia. Porém, alerta-se para o cuidado ao se utilizar livros de interpretação de histórias infantis, afinal, aquela interpretação será da transferência daquele autor com aquela história. O psicoterapeuta deverá estar disponível para que ocorra a transferência daquele paciente consigo e com o objeto lúdico que deseja utilizar durante a sua sessão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. Clínica, a interpretação psicanalítica e o campo de experimentação. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 149-157, mar. 2009.
- BARROS, Glória. O setting analítico na clínica cotidiana. *Estudos psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 40, p. 71-78, dez. 2013.
- BENETON, Kelly Haro. Os contos de fadas e a formação do ser humano. *Revela*, São Paulo, ano VII, n. XVI, p. 5-15, dez. 2013.
- BERLINCK, Manoel Tosta. Considerações sobre a elaboração de projeto de pesquisa em psicanálise. In: _____. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLINDER, Carlos; KNOBEL, Joseph; SIQUIER, Maria Luisa. *Clínica psicanalítica com crianças*. Aparecida: Ideias & letras, 2011.
- CONTI, Fábio Donini; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O momento de brincar no ato de contar histórias: uma modalidade diagnóstica. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 98-113, mar. 2010.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CRISTÓFANO, Sirlene. A Literatura e as novas tecnologias: a formação de leitores ativos em múltiplos suportes. *Darandina*, Juiz de Fora, v. 03, n.1, p. 1-13, nov. 2010.
- DALLAZEN, Lizana et al. Sobre a ética em pesquisa na psicanálise. *PSICO*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 47-54, jan./mar. 2012.
- FERNANDES, Rafael Aiello et al. O método psicanalítico como abordagem qualitativa: considerações preliminares. In: JORNADA APOIAR, 10., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: IP/USP, 2012, p. 306-314.
- FREUD, Anna. *O tratamento psicanalítico de crianças*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 5. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- GARCIA, Simone Ribeiro; MARTINS, Francisco. Lógica conversacional e técnica psicanalítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 249-270, dez. 2002.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GUTFREIND, Celso. *A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

_____. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicanálise da criança*. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 2010.

ISSE, Julia Fensterseifer. *Possibilidades na psicoterapia infantil: os profissionais da psicologia e a técnica do atendimento de crianças*. 2013. 54 f. Monografia (Curso de Psicologia do Centro Universitário Univates)-Centro Universitário Univates, Lajeado, 2013.

LIMA, Eduardo Rodrigues. *O papel da relação terapêutica para o sucesso da terapia*. 2007. 48 f. Monografia (Curso de Psicologia do UniCEUB)-Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 83-106, jun. 2004.

MORAES, Aline Marcela de; BARACAT, Juliana. O conto de fadas e seu uso na clínica psicanalítica com crianças. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, São Paulo, v. 24, n.1, [n.p.], maio 2015.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Psicologia da educação*, São Paulo, n. 30, p. 81-96, jun. 2010.

PEREIRA, Veruska Oliveira Bonete; LEMOS, Moises Fernandes. A função terapêutica dos contos de fadas: sentimentos e conflitos humanos. *Perspectivas em Psicologia*, Goiás, v. 17, n. 2, p. 102-114, jul./dez. 2013.

PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-153, jun. 2014.

ROCHA, Zeferino. Para uma clínica psicanalítica do cuidado. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 453-471, dez. 2013.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SCHMIDT, Gleisson Roberto. Sigmund Freud, da psicoprofilaxia à educação psicanaliticamente esclarecida: um percurso. *PaidéiaB*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 48, p. 119-127, abr. 2011.

SILVA, Roselaine Berenice Ferreira da; LIMBERGER, Leticia Staub. A entrevista clínica no psicodiagnóstico infantil. In: SILVA, Roselaine Berenice Ferreira da; SILVA, Márcio, Luís Paveglia da (Org.). *Psicologia, medicina e áreas afins: edificando elos e parcerias*. São Paulo: All Print Editora, 2015. p. 125-149.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 205-232, dez. 2005.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *PMKT*, São Paulo, n. 03, p. 20-27, set. 2009.

ZATTI, Cleonice; KERN, Cristina Dariano. A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil. *Diaphora*, Porto Alegre, n. 14(2), p. 06-17, set./dez. 2014.